

avareza
emiliano fittipaldi

Tradução de Carlos Aboim de Brito



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

À minha mãe e ao meu pai

AGRADECIMENTOS

Obrigado a quem, dentro do Vaticano, com a sua coragem tornou possível este livro.

Obrigado a Lirio Abbate, Riccardo Bocca, Giovanni Tizian e Gianfrancesco Turano, colegas pacientes que me toleraram e apoiaram longamente.

Obrigado aos rapazes do gabinete de imprensa da Guarda das finanças, pela suas fundamentais pesquisas de arquivo.

Obrigado aos magistrados, aos oficiais e aos inquiridores que se ocuparam dos escândalos do Vaticano: as suas sugestões foram decisivas.

Finalmente, obrigado a Mattia de Bernardis e Gianluca Foglia, que permitiram que este livro esteja nas vossas mãos.

ÍNDICE

| | |
|------------------------------------|-----|
| PRÓLOGO | 13 |
| 1. O TESOURO DO PAPA | 17 |
| 2. IOR, MENTIRAS E CONTAS SECRETAS | 51 |
| 3. NEGÓCIOS SAGRADOS | 85 |
| 4. OS VENDILHÕES DO TEMPLO | 121 |
| 5. SUA SANTIDADE | 159 |
| 6. EM NOME DO DINHEIRO | 227 |

PRÓLOGO

Então Judas Escariotes, um dos seus discípulos, que depois iria traí-lo, disse: “Por que razão este óleo perfumado não foi vendido por trezentos denários para depois dá-lo aos pobres?”

Disse-lhes isso não porque se preocupasse com os pobres, mas porque era ladrão e, como dispunha da caixa, tirava aquilo que metiam dentro dela.

J O Ã O 1 2 , 4 - 6

Os dois monsenhores começam a falar de imediato depois de o empregado ter trazido o *carpaccio* de atum e o prato de camarões vermelhos. Antes tinham permanecido calados. A percorrer a lista de vinhos brancos para escolher o mais adequado para acompanhar as iguarias, partindo o pão aos pedacinhos, olhando à volta com ar de enfado, em busca de um rosto conhecido que pudessem saudar no jardim do restaurante Ai Parioli.

Espetado o primeiro camarão, o sacerdote mais velho, aquele que nunca tinha encontrado antes, vai direto ao assunto. “Tens de escrever um livro. Deves escrevê-lo também por Francisco. Que deve saber. Deve saber que a Fundação do Menino Jesus, nascida para recolher as ofertas para as crianças doentes, pagou parte das obras feitas na nova casa do cardeal Tarcisio Bertone. Deve saber que o Vaticano possui casas, em Roma, que valem quatro mil milhões de

euros. É isso. Dentro delas não estão refugiados, como o Papa pretendia, mas uma quantidade de protegidos e VIP que pagam rendas ridículas.

“Francisco tem de saber que as fundações sob o nome de Ratzinger e de Wojtyla encaixaram tanto dinheiro que agora conservam no banco mais de 15 milhões. Deve saber que as ofertas que os seus fiéis lhe oferecem todos os anos através do Óbolo de São Pedro não são despendidas com os mais pobres, mas acumuladas em contas e investimentos que hoje valem quase 400 milhões de euros. Deve saber que quando retiram alguma coisa do Óbolo, os monsenhores o fazem em nome das exigências da cúria romana.

“Deve saber que o IOR¹ tem quatro fundos de beneficência avaros como Harpagon: não obstante o instituto vaticano produzir lucros de dezenas de milhões, o fundo para obras missionárias ofereceu este ano a miséria de 17 mil euros. Para todo o mundo! Tem de saber que o IOR ainda não foi saneado e que dentro do torreão ainda se escondem clientes abusivos, gente investigada em Itália por crimes graves. Deve saber que o Vaticano nunca deu aos vossos investigadores do Banco de Itália a lista de quem fugiu com o espólio para o estrangeiro. Apesar de o termos prometido. Deve saber que para fazer um santo, para ser declarado beato, é preciso pagar. Isso, desembolsar dinheiro. Os caçadores de milagres são caros, são advogados, querem centenas de milhares de euros. Tenho as provas.

“Deve saber que o homem que ele próprio escolheu para pôr em ordem as nossas finanças, o cardeal George Pell, na Austrália acabou por figurar num inquérito do governo sobre a pedofilia, algumas testemunhas definem-no como “sociopata”, mas em Itália ninguém escreve nada. Tem de saber que Pell gastou, para ele e os seus amigos, entre honorários e roupa à medida, meio milhão de euros em seis meses.

“Francisco tem de saber que a sociedade de revisores de contas americana, que alguns de nós chamaram para controlar as contas do Vaticano, pagou em setembro de 2015 uma multa de 15 milhões por

¹ *Istituto per le Opere di Religione* (Instituto para as Obras de Religião), comumente conhecido como Banco do Vaticano. (N. T.)

ter amaciado os relatórios de um banco inglês que fazia transações ilegais no Irão. Tem de saber que a Santa Sé, para ganhar mais dinheiro, distribuiu cartões especiais por meia Roma: hoje vendemos combustíveis, cigarros e roupa *tax free*, encaixando 60 milhões por ano.

“Deve saber que não é só Bertone que vive em trezentos metros quadrados, mas que existe um montão de cardeais que vivem em apartamentos de quatrocentos, quinhentos e seiscentos metros quadrados. Mais *penthouse* e terraço panorâmico. Deve saber que o presidente da APSA², Domenico Calcagno, arranjou um bom retiro numa quinta da Santa Sé no meio da vegetação, mandando abrir uma *società di comodo*³ para os seus parentes longínquos. Deve saber que o moralizador Carlo Maria Viganò, o herói protagonista do escândalo Vatileaks, está em contencioso com o irmão sacerdote que o acusa de lhe ter surripiado milhões da herança. Deve saber que Bertone apanhou um helicóptero que custou 24 mil euros para ir de Roma a Basilicata. Deve saber que a Fundação do Menino Jesus controla no IOR um património incrível de 427 milhões de euros e que o Vaticano investiu mesmo em ações da Exxon e da Dow Chemical, multinacionais que poluem e envenenam. Deve saber que o Hospital do Padre Pio tem trinta e sete prédios e imóveis com um valor estimado em 190 milhões de euros. Deve saber que os salesianos investem em sociedades no Luxemburgo, os franciscanos na Suíça, que dioceses no estrangeiro compraram uma empresa proprietária de televisões porno. Deve saber que um bispo esbanjou na Alemanha 31 milhões para restaurar a sua residência e que, uma vez apanhado, foi promovido com um cargo em Roma. Francisco deve saber uma quantidade de coisas. Coisas que não sabe, porque ninguém lhas diz”.

O monsenhor pousa o garfo e limpa a boca com o guardanapo. O padre que conheço bem deita-lhe um pouco de vinho no copo, um *Sacrisassi Le Due Terre*. O reverendo de cabelos brancos ergue o

² *Amministrazione del Patrimonio della Sede Apostolica* (Administração do Património da Sé Apostólica). (N. T.)

³ *Società di comodo*: sociedade, geralmente de capitais, constituída para fins de evasão fiscal. (N. T.)

cálice, pisca um olho para observar com atenção a cor palhete através do cristal, bebe dois longos goles e depois sorri.

“Lá fora está estacionado um carro cheio de documentos. Do IOR, da APSA, dos ministérios, dos revisores de contas chamados pela comissão referente, a COSEA. Foi por isso que lhe pedi que viesse de carro. Não conseguiria levá-los de mota.” Levanta-se de um salto. “A propósito, nós não temos dinheiro líquido. Desta vez, é você que paga a refeição?”

1.

O TESOURO DO PAPA

Não acumulai para vós tesouros na terra, onde traças e ferrugem destroem e onde ladrões arrombam e roubam; em vez disso, acumulai para vós tesouros no Céu, onde nem traças nem ferrugem destroem e onde ladrões não arrombam nem roubam. Porque onde está o teu tesouro estará também o teu coração.

MATEUS 8, 19 - 21

Jesus admoestava assim os seus discípulos no cimo do monte. No entanto, em dois mil anos a Santa Igreja Romana interpretou frequentemente a parábola à sua maneira: ignorando-a totalmente. Se o dinheiro é o esterco do Diabo, no Vaticano parece ser válido o dito “*pecunia non olet*”: ao longo dos séculos, lingotes e moeda, notas de todos os valores, propriedades imobiliárias e títulos bancários foram acumulados por padres, bispos e cardeais em quantidade, e hoje o património assumiu proporções bíblicas.

Quem tentou calcular toda a riqueza da Igreja Católica falhou inexoravelmente. Difundida em todos os países do mundo, com mil e duzentos milhões de fiéis, é dirigida — segundo os números que o Anuário pontifício publica todos os anos, graças às cifras recolhidas e elaboradas pelo gabinete estatístico da Santa Sé — por milhares de arquidioceses e bispados: por ordem alfabética, partin-

do de Aachen, na Alemanha, a Zomba, no Malawi, as “circunscrições eclesiásticas” espalhadas pelo planeta são 2966, entre bispados, sedes metropolitanas, prefeituras, vicariatos e abadias, com quase cinco milhões de pessoas, incluindo freiras, religiosos, diáconos e sacerdotes — empenhados em guiar os rebanhos de Jesus.

Cada “circunscrição” é proprietária de igrejas e imóveis, gere contas e finanças e é completamente autônoma em relação ao Vaticano, que só exerce controlos em casos extremos, ou seja, face a ruturas financeiras ou despesas suspeitas de que a Santa Sé tome conhecimento. Trata-se de um património gigantesco, ao qual acresce o controlado pelas congregações católicas, pelas ordens religiosas e pelas associações laicas. Se a Opus Dei, os Legionários de Cristo e os Cavaleiros de Colombo estão entre os mais conhecidos e abastados, da América à Oceânia contam-se aos milhares, cada um com os seus bens e os seus dinheiros, e também com os seus orçamentos — ainda mais do que os das simples dioceses —, nada têm a ver com o Vaticano. Finalmente, grande parte da riqueza possuída pelas diversas entidades é secreta e reservada: em muitos países, associações e congregações não têm a obrigação de publicar relatórios anuais, enquanto as leis vigentes sobre as fundações, nos Estados Unidos e na Europa, permitem a *privacy* mais absoluta, escondendo do público parte importante das propriedades eclesiásticas. Não só em Itália, mas em meio mundo.

Mas o volume que tendes na mão, graças a um acervo significativo de documentos inéditos provenientes dos gabinetes do Vaticano, relatórios de revisores chamados por Francisco para trazer à luz contas e transações, cartas e orçamentos dos ministérios, pode hoje iluminar pela primeira vez todo o tesouro papal, aquele diretamente controlado pela Vaticano. Uma montanha de biliões, entre contas, investimentos financeiros, metais preciosos e propriedades imobiliárias que ainda hoje — depois das guerras de poder desencadeadas nos tempos de Bento XVI — continuam a provocar, no seu interior, furibundos diferendos entre fações opostas. Exércitos internos e grupos de laicos bem inseridos, cardeais armados uns contra

os outros... por detrás de Francisco movimentam-se camarilhas e monsenhores que parecem não estar ainda convertidos ao credo do pauperismo do novo pontífice e têm ainda um objetivo prioritário: pôr as mãos numa fatia do bolo.

Examinando uma das relações internas da COSEA, a dissolvida Comissão destinada à organização da estrutura económica do Vaticano que Bergoglio criou pessoalmente para trazer luz às finanças sagradas, descobre-se antes de mais que “as várias instituições do Vaticano gerem os seus próprios *assets* e os de terceiros num valor declarado de 9 a 10 mil milhões de euros, dos quais 8 a 9 mil milhões de títulos e mil milhões de imobiliário”. Uma estimativa contabilística bastante precisa no que diz respeito às riquezas em liquidez e em ações, mas muito prudente relativamente ao valor real de prédios, lojas, vivendas, escolas, internatos e apartamentos sob propriedade do Estado Pontifício: em todos os relatórios de contas do Vaticano, escreve a COSEA, os valores nominais são notoriamente subdimensionados e têm um valor superior ao que está inscrito no relatório de contas das várias entidades proprietárias.

“Casas no valor de 4 biliões”

Um documento da referida Comissão, escrito em inglês e em italiano e destinado a George Pell, chefe da nova secretaria para a Economia pretendida por Francisco, sintetiza pela primeira vez o valor real de todos os bens imobiliários, propriedade de instituições do Vaticano. Vejamos: “Na base das informações colocadas à disposição da COSEA, existem vinte e seis instituições relacionadas com a Santa Sé que possuem bens imobiliários num valor contabilístico total de mil milhões de euros em 31.12.2012. Uma avaliação de mercado indicativa mostra uma estimativa do valor total dos bens quatro vezes superior em relação ao valor contabilístico, ou seja, quatro mil milhões de euros”. Sim, quatro mil milhões redondos.



PONTIFICIA COMMISSIONE
REFERENTE DI STUDIO E DI INDIRIZZO
SULL'ORGANIZZAZIONE DELLA STRUTTURA
ECONOMICO-AMMINISTRATIVA DELLA SANTA SEDE

SUMMARY REPORTS
OF VARIOUS PROJECTS
UNDERTAKEN BY
COSEA

ESAME DEI BENI IMMOBILIARI DI PROPRIETÀ DI ISTITUZIONI VATICANE

Visione d'insieme del tipo e valore dei beni

- Sulla base dell'informazione messa a disposizione di COSEA, ci sono **26 istituzioni** relate alla Santa Sede che possiedono beni immobiliari per un **valore contabile totale di EUR ~1mrd** al 31.12.2012.
- Una valutazione di mercato indicativa dimostra una **stima del valore totale** dei beni di 4 volte più grande rispetto al valore contabile, o EUR ~4mrd. Le istituzioni con le proprietà più importanti (a valore di mercato) sono:
 - APSA: EUR ~2,710m
 - Propaganda Fide: EUR ~450m
 - Casa Sollievo della Sofferenza: EUR ~190m
 - Fondo Pensioni: EUR ~160m.
- Il **reddito totale da locazione** ammonta a EUR ~88m, dei quali EUR ~65m compresi nel conto economico della Santa Sede e EUR ~2m nel conto economico consolidato della Città Stato Vaticano. Reddito supplementare da locazione può essere ottenuto come dettagliato in basso.
- Lo **stato fisico** degli edifici non è stato preso in considerazione nelle analisi per il momento.
- Siccome COSEA ha dovuto fare affidamento sull'**informazione resa disponibile dalle varie istituzioni**, non possiamo assicurare che tutti i beni immobiliari siano stati individuati.

Mancanze nella gestione dei beni immobiliari

- Prima di tutto, si è osservata **duplicazione di attività** tra le ~20 istituzioni che gestiscono beni immobiliari.
- Esistono importanti **mancanze strategiche** nella gestione dei beni immobiliari:
 - Canoni di locazione molto bassi (incremento potenziale del reddito da locazione di almeno EUR 25-30m senza avere impatto sull'impegno della Santa Sede nell'offrire appartamenti a bassi canoni ai dipendenti)
 - Uso inefficiente delle unità (e.g. la Libreria Editrice possiede un grande magazzino in un edificio prestigioso in Piazza San Callisto)
 - Nessuna gestione del tasso di rendimento (nessuna trasparenza sul valore di mercato dei beni)
- C'è margine di miglioramento in svariate **procedure** relate alla gestione dei beni immobiliari:
 - Linee guida per la locazione di unità ai dipendenti (e.g. non esiste beneficio equivalente per i dipendenti ai quali non viene assegnato un appartamento; casi di ex-dipendenti del Vaticano che rimangono in appartamenti interni a canoni favorevoli fino a 8 anni dopo il termine del loro impiego col Vaticano)
 - La gestione delle eccezioni per l'assegnazione delle unità (e.g. riduzione del canone su richiesta specifica)
 - Compravendita di beni (e.g. nessuna procedura formalmente approvata in APSA per la vendita di proprietà)
 - Mantenimento degli edifici (e.g. nessuna valutazione sistematica della qualità dei prestatori di servizi)

Proposta di strada da percorrere

- Tutti i beni immobiliari di proprietà di istituzioni relate al Vaticano dovrebbero essere gestiti centralmente:
 - La proposta di una nuova istituzione responsabile per la **gestione patrimoniale** – chiamata Vatican Asset Management (VAM) – sarà responsabile per gli investimenti e per pianificare e monitorare i redditi. I **titoli di proprietà** rimarranno con le istituzioni che oggi possiedono tali beni.
 - Un nuovo **dipartimento di gestione immobiliare** nella Segreteria per l'Economia sarà responsabile per:
 - Stabilire le linee guida per la locazione delle unità (in collaborazione con l'ufficio Risorse Umane nell'ambito di linee guida per la locazione di appartamenti ai dipendenti)
 - **Property management** (e.g. responsabilità dei contratti di locazione)
 - **Facility management** (e.g. monitoraggio tecnico degli edifici, gestione e monitoraggio di servizi di supporto come il mantenimento e la pulizia)
 - Tutto lo staff Vaticano che lavora in **servizi di mantenimento e pulizia** sarà unificato nel dipartimento dei Servizi Tecnici in Governatorato e servirà le unità nel Vaticano. Gare competitive che includano anche fornitori esterni saranno istituite come una regola per l'assegnazione di servizi in territorio non-Vaticano.
- Vista la quantità di progetti aperti, si raccomanda di cominciare con l'**implementazione solo nella seconda metà del 2014**. Le priorità saranno:
 - Nomina di un Direttore per la Gestione Immobiliare
 - **Richiesta di informazione dettagliata** da tutte le entità per quanto riguarda il loro portafoglio immobiliare
 - Rifinitura della **valutazione di mercato**
 - Creazione di un **piano** per indirizzare le mancanze per quanto riguarda la strategia e le procedure

Il valore delle proprietà immobiliari del Vaticano secondo la Pontificia commissione referente (Cosea).

COMISSÃO PONTIFÍCIA
RELATIVA AO ESTUDO E ORIENTAÇÃO
SOBRE A ORGANIZAÇÃO DA ESTRUTURA
ECONOMICoadministrativa DA SANTA SÉ

RELATÓRIOS SUMÁRIOS
DE DIVERSOS PROJETOS
EMPREENDIDOS PELA
COSEA

EXAME DOS BENS IMOBILIÁRIOS, PROPRIEDADE DE INSTITUIÇÕES DO VATICANO

Visão de conjunto do tipo e valor dos bens

- Na base da informação colocada à disposição da COSEA, existem **26 instituições** relacionadas com a Santa Sé que possuem bens imobiliários num **valor contabilístico de EUR ~ mil milhões** em 31.12.2012.
- Uma avaliação de mercado indicativa mostra uma estimativa do valor total dos bens 4 vezes superior em relação ao valor contabilístico, ou seja, **EUR ~4 mil milhões**. As instituições com as propriedades mais importantes (em valor de mercado) são:
 - APSA: EUR ~2,710 milhões
 - Propaganda Fide: EUR ~450 milhões
 - Casa Alívio do Sofrimento: EUR ~190 milhões
 - Fundo de pensões: EUR ~160 milhões.
- **O rendimento total por arrendamento** eleva-se a **EUR ~88 milhões**, dos quais EUR ~65 milhões na conta económica da Santa Sé e EUR ~ 2 milhões na conta económica consolidada da Cidade-Estado Vaticano. O rendimento suplementar por arrendamento pode ser obtido como se detalha abaixo.
- **O estado físico** dos edifícios não foi tomado em consideração nas análises, de momento.
- Dado que a COSEA teve de confiar na informação disponibilizada pelas várias instituições, não podemos assegurar que todos os bens imobiliários tenham sido identificados.

Falhas na gestão dos bens imobiliários

- Primeiro, constatou-se **duplicação de atividades** entre as ~ 20 instituições que gerem bens imobiliários:
 - Rendas muito baixas (incremento potencial do rendimento do arrendamento de pelo menos EUR 25-30 milhões sem ter impacto no empenho da Santa Sé em oferecer apartamentos a rendas baixas aos dependentes)
 - Uso ineficaz das unidades (p. ex., a Livraria Editora possui um grande armazém num edifício de prestígio na Piazza di San Calisto)
 - Nula gestão da taxa de rendimento (nenhuma transparência sobre o valor de mercado dos bens).

- Existe margem de melhoramento em vários processos relacionados com a gestão dos bens imobiliários:

- Linhas-guia para o arrendamento de unidades aos funcionários (p. ex., não existe benefício equivalente para os funcionários aos quais não é atribuído um apartamento; casos de ex-funcionários do Vaticano que permanecem em apartamentos internos a rendas favoráveis até 8 anos depois do termo do seu emprego no Vaticano)
- A gestão das exceções para a atribuição das unidades (p. ex., redução da renda na base de um pedido específico)
- Compra e venda de bens (p. ex., nenhuma regra formalmente aprovada na APSA para a venda de propriedades)
- Manutenção dos edifícios (p. ex., nenhuma avaliação sistemática da qualidade dos prestadores de serviços).

Proposta de caminho a percorrer

- Todos os bens imobiliários de instituições relacionadas com o Vaticano deveriam ser geridos centralmente:

- A proposta de uma nova instituição responsável pela **gestão patrimonial** — chamada Vatican Asset Management (VAM) — será responsável pelos investimentos e pelo planeamento e monitorização dos rendimentos. Os **títulos de propriedade** permanecerão com as instituições que hoje possuem esses bens.

- Um novo **departamento de gestão imobiliária** na Secretaria para a Economia será responsável por:

- Estabelecer as linhas orientadoras para o arrendamento das unidades (em colaboração com o gabinete de Recursos Humanos no âmbito das linhas orientadoras para o arrendamento de apartamentos a dependentes)
- **Property management** (p. ex., responsabilidade dos contratos de arrendamento)
- **Facility management** (p. ex., monitorização técnica dos edifícios, gestão e monitorização de serviços de apoio como a manutenção e a limpeza)

- Todo o pessoal do Vaticano que trabalha em **serviços de manutenção e limpeza** será reunido no departamento dos Serviços Técnicos e servirá as unidades no Vaticano. Concursos competitivos que incluam também fornecedores externos serão instituídos como uma regra para a atribuição de serviços em território não-Vaticano.

- Dada a quantidade de projetos abertos, recomenda-se que a sua

implementação se inicie apenas na **segunda metade de 2014**. As prioridades serão:

- Nomeação de um Diretor para a Gestão Imobiliária
- **Pedido de informação detalhada** a todas as entidades no que diz respeito à sua carteira imobiliária
- Aperfeiçoamento da avaliação de mercado
- Criação de um plano para corrigir as falhas no que diz respeito à estratégia e aos procedimentos.

O valor das propriedades imobiliárias do Vaticano segundo a Comissão Pontifícia (COSEA).

No relatório são indicadas também as instituições papais “com as propriedades mais importantes em valor de mercado”. Isto é, a APSA, a Administração do Património da Sede Apostólica (com um património de 2700 milhões), a Congregação Propaganda Fide (450 milhões de euros, embora no passado os livros e jornais tenham sempre apresentado estimativas ainda mais altas), a Casa Alívio do Sofrimento (graças às doações, o Hospital do Padre Pio tem uma carteira de trinta e sete prédios avaliada em 190 milhões) e o Fundo de pensões dos empregados, que possui imóveis no valor de 160 milhões de euros.

Não é tudo. Noutro relatório confidencial da COSEA datado de 7 de janeiro de 2014 (trata-se de um esboço da proposta para a criação de um único *asset* de administração do Vaticano, de modo a gerir de forma unitária todo o património da Santa Sé hoje dividido por dezenas de entidades), é especificado que quase sempre “os imóveis são registados quer ao custo de aquisição quer ao custo de doação, e muitos edifícios institucionais são avaliados a 1 euro. Assim sendo, é expectável que o valor de mercado do *real estate* do Vaticano seja muito maior”. Mas a nota sublinha que os revisores trabalharam sobre os dados fornecidos pelas várias entidades, que poderiam mesmo não ter inscrito elementos do seu património no relatório de contas. De qualquer modo, eventuais tesouros não reconhecidos não modificariam muito a cifra final.

Quatro mil milhões, portanto. Uma riqueza enorme em grande parte concentrada em Roma. Os dados da COSEA, que trabalhou durante meses sobre os documentos postos à disposição pelas entidades, ajudam também a redimensionar a lenda anticlerical, segundo a qual a Igreja Católica é proprietária de 20 por cento de todo o património imobiliário italiano. Os relatórios do Vaticano não contabilizam as propriedades das dezenas de ordens e congregações que têm prédios e apartamentos espalhados pela Cidade Eterna, mas incluem o segundo maior proprietário imobiliário católico da capital, ou seja, a diocese de Roma, que tem um orçamento separado do da Santa Sé. Graças a um documento da KPMG de 2014, descobrimos que a diocese do Capitólio possui *assets* na cidade (construção e

líquidos) no valor de 69 milhões de euros. Será uma cifra errada por defeito, à qual se deverão juntar muitas outras propriedades de organismos e congregações. Mas é muito difícil que na capital o património de toda a Igreja possa chegar a valer um quinto dos 534.000 milhões de euros, cifra que representa o valor global das habitações em Roma, calculado por técnicos da agência das receitas e publicado no poderoso estudo intitulado *Os imóveis em Itália 2015*.

Caça ao tesouro

Lendo o orçamento nunca publicado da APSA, percebe-se que uma parte importante do tesouro imobiliário do Vaticano confluíu precisamente no organismo presidido pelo monsenhor Domenico Calcagno. Criado em 1967 por Paulo VI, ao mesmo tempo que a prefeitura dos Assuntos Económicos, a APSA é guardiã há meio século de *assets* mobiliários e imobiliários “destinados”, explica a *Pastor Bonus* mediante a qual foi constituída, “a fornecer fundos necessários ao cumprimento das funções da Cúria romana”.

Na realidade, a história da entidade começa muito antes. Se em 1878 Leão XIII decidiu criar um primeiro serviço que administrasse os bens que ficaram pertença do Vaticano depois da tomada de Roma em 1870, em 1926 o Papa Pio XI dispôs com um *motu proprio* a criação da Administração dos Bens da Santa Sé, antepassada da entidade que hoje conhecemos. Em junho de 1929, ao novo ministério junta-se um outro, a Administração Especial da Santa Sé, constituída “com o objetivo”, explica o Vaticano, “de gerir os fundos fornecidos pelo governo italiano [isto é, pelo regime fascista de Benito Mussolini] à Santa Sé em execução da convenção financeira incluída no Tratado de Latrão de 11 de fevereiro de 1929”.

Os dois ministérios foram fundidos quarenta anos depois dentro da APSA. Por sua vez, esta é dividida numa “secção ordinária”, que cumpre os objetivos outrora reservados à Administração dos Bens da Santa Sé (gestão do pessoal do Vaticano, da contabilidade,

dos ministérios) e numa “secção extraordinária”, herdeira da velha Administração Especial. A caça ao tesouro deve partir daqui, porque é aqui que são conservados os bens móveis e o património imobiliário que pertencem à Igreja.

As primeiras indicações do orçamento de que dispomos levam-nos a voar para Paris, tomar um táxi e sermos conduzidos à Rue de Rome, próxima da centralíssima praça Vendôme. No número 4, uma sociedade francesa controlada pela APSA possui de facto alguns dos mais prestigiados imóveis da cidade. Chama-se Sopridex SA, teve inquilinos famosos (como o ex-presidente François Mitterrand, o ex-ministro Bernard Kouchner e a sua mulher Christine Ockrent) e hoje tem atividades com um volume de negócios de 46,8 milhões de euros. O pessoal inclui, lemos no relatório de contas, “um diretor, três empregados, empregados de limpeza”, e a maravilha de “dezas-seis porteiros”.

Deslocando-nos dos imóveis parisienses (o Vaticano tem ao todo uma centena de unidades imobiliárias, entre escritórios e habitações, ao longo dos Champs-Élysées, no centro histórico e no bairro de Montparnasse, onde também a ex-ministra Christine Albanel era arrendatária) e aterrando em Genebra, descobrimos que a “secção extraordinária” controla também dez sociedades suíças (entre as quais a Diversa SA, a Société Immobilière sur Collonges e a Société Immobilière Florimont) que, em conjunto com a cabeça do grupo Profima SA, gerem propriedades e terrenos não só na Confederação Helvética, mas em metade da Europa. Todas em conjunto — lê-se no relatório — desenvolvem uma faturação anual de 18 milhões de euros e cada uma delas tem um conselho de administração composto por sete pessoas.

Constatou-se que a Profima SA foi aberta em Lausanne em julho de 1926 e que foi posteriormente utilizada por Pio XI para levar para o estrangeiro (ou investir, consoante os pontos de vista) parte do dinheiro que a Igreja obtém de Mussolini como ressarcimento pelas expropriações sofridas depois da Unificação de Itália, e que a *holding* Diversa é praticamente desconhecida. Fundada em Lugano em agosto de 1942, enquanto se combatia em metade do planeta, de

Estalinegrado a El Alamein, é hoje presidida por Gilles Crettol, um poderoso advogado suíço que gere parte importante dos interesses do Vaticano fora de Itália: de facto, o seu nome destaca-se em quase todas as outras sociedades helvéticas relacionadas com o Vaticano.

Até há pouco tempo, a referência italiana de Diversa era Paolo Mennini, ex-número um da “secção extraordinária” da APSA e cérebro histórico da administração. Na sequência do escândalo que arrastou o monsenhor de Salerno Nunzio Scarano — funcionário da APSA que acabou por ser investigado por corrupção —, no controlo efetuado pela sociedade de revisores de contas Promontory por conta da COSEA e a uma *due diligence* sobre as contas operada pela McKinsey, os homens do Papa Francisco decidiram voltar a página e mudar todos os membros da entidade administrativa, substituindo também Mennini: no seu lugar, nos conselhos de administração das sociedades suíças, apareceu desde 2013 Franco Dalla Sega, presidente da Mittel de Giovanni Bazoli e gestor de confiança do novo chefe das finanças do Vaticano, o cardeal George Pell.

Retomemos a caça, deslocando-nos da Suíça até Inglaterra. Aqui, a suíça Profima controla a British Grolux Investments Ltd, uma sociedade inglesa fundada no longínquo 1933 para “diversificar” — explicou em 2005 o historiador John Pollard — os investimentos eclesiásticos durante a Grande Depressão. Concretamente, foi o banqueiro Bernardino Nogara, nomeado em 1929 número um da recém-criada Administração Especial, que construiu o imobiliário inglês.

Peso pesado da banca comercial italiana, já conselheiro da Santa Sé de acordo com o estipulado pela convenção financeira dos Pactos de Latrão, foi Nogara que geriu as indemnizações obtidas de Benito Mussolini. Uma avalanche de dinheiro: de facto, aos 750 milhões de liras líquidos (depositados inicialmente precisamente nas contas da banca comercial), deve-se acrescentar mil milhões de liras em títulos de Estado. O professor de História Económica Maurizio Pegrari, autor do artigo biográfico “Nogara” sobre Treccani, recorda que, antes da sua chegada, os investimen-

tos financeiros “eram, por norma, confiados a banqueiros europeus — suíços, alemães, franceses, holandeses e ingleses — que se apoiavam nas nunciaturas apostólicas presentes nestes países”. Um sistema confuso e em alguns casos até “diletante, por causa”, continua Pegrari, “da ausência de capacidades específicas de muitos núncios e do próprio secretário de Estado de então, Pietro Gasparri. A chegada de Nogara trouxe ordem e competência”. De facto, o banqueiro transformou a Administração Especial numa espécie de *merchant bank* que operava por toda a parte. Não só em Itália e na Europa, mas também nos Estados Unidos (onde a coleta do Óbolo de São Pedro era bastante conspícua apesar da Grande Depressão) e na Argentina.

Nogara investiu rapidamente o dinheiro recebido dos fascistas em ações, obrigações e, obviamente, no mercado imobiliário, através da criação de sociedades no estrangeiro. Uma aposta que funcionou e que ainda hoje dá os seus frutos. Em ouro. Se a *holding* parisiense tem atividades no valor de 46,8 milhões, a londrina é proprietária de casas e prédios, inclusive as lojas de luxo no centro da cidade na New Bond Street e as lojas da joalharia Bulgari. A sede do Banco Altium Capital, na esquina da Saint James’s Square e Pall Mall, segundo uma investigação do *Guardian*, também foi adquirida pela Golux Investments por 15 milhões de libras esterlinas. A gestão dos imóveis londrinos, a que se juntam casas e terrenos em Coventry, faz ganhar ao Vaticano mais 38,8 milhões. Por outro lado, através do arquivo da Câmara de Comércio do Cantão de Lucerna, descobrimos que a *holding* inglesa criada em 1933 é gémea de uma outra sociedade, criada em 1931 por Nogara por conta do Vaticano no Luxemburgo e chamada “Le Groupement Financier Luxembourgeois”, que acabou por ser encerrada em 1939. Não se ocupava apenas de imóveis, mas também de fluxos financeiros que giravam pelo mundo: nos futuros paraísos fiscais já então estavam em vigor normas bastante favoráveis do ponto de vista fiscal e de gestão, e a Igreja serviu-se delas “para operar”, censura ainda Pegrari, “de forma mais expedita”. Finalmente, em Itália, além do interminável te-

souro de Propaganda Fide, a APSA controla a sociedade Sirea e Leonina, que no orçamento têm ganhos de cerca de 16 milhões.

Mas em Roma a APSA é proprietária de milhares de apartamentos (no total, o Vaticano tem cerca de 5000, mas nem eles sabem quantos possuem globalmente; noutra estudo da prefeitura dos Assuntos Económicos sublinha-se, entre os aspetos críticos da APSA, a ausência de orçamentos que mostrem o património imobiliário na sua totalidade), que valem somas importantes. Em 2013 a APSA indicou no orçamento três rubricas distintas: as propriedades em Inglaterra no valor de 25,6 milhões, as de Suíça no valor de 27,7, enquanto as casas, lojas, prédios e apartamentos em Itália e em França têm um valor de apenas 342 milhões. Mas no Vaticano sabem bem que se trata de um valor inferior ao real. Se os investimentos ingleses valem no orçamento apenas 25 milhões de libras esterlinas (segundo o inquérito do *Guardian*, aos atuais preços de mercado, os prédios do centro de Londres valeriam 500 milhões de libras esterlinas, vinte vezes mais do que o valor referido pelos contabilistas do Papa), o documento interno da COSEA clarifica a questão, especificando que a carteira contabilística da APSA deve ser multiplicada pelo menos por seis.

Alugueres dourados

Deixadas Paris, Londres e Lucerna, a caça ao tesouro prossegue em Roma. Depois da APSA, o outro grande proprietário do Vaticano é Propaganda Fide, a congregação para a evangelização dos povos chefiada pelo cardeal Fernando Filoni. Um colosso financeiro que em 2012 possuía títulos e contas bancárias no valor de cerca de 170 milhões de euros e apartamentos na capital inscritos no orçamento no valor de cerca de 90 milhões. Uma quantia ridícula: segundo a própria COSEA, as joias espalhadas pelas zonas mais belas de Roma valem “450 milhões”. Esta avaliação parece ser também demasiado baixa: se no passado estimativas jornalísticas exageradas

chegavam a pôr a hipótese de um tesouro próximo dos 9000 milhões em relação a Propaganda, é provável que os seus quinhentos apartamentos distribuídos por cerca de sessenta prédios nas zonas mais elegantes e luxuosas de Roma valham pelo menos mil milhões.

A Congregação, criada para difundir a Palavra de Jesus nos recantos mais longínquos e pobres do mundo e que tem o objetivo de coordenar as missões evangélicas nos cinco continentes, possui imóveis e apartamentos de cortar a respiração na Piazza di Spagna, nas ruas próximas da Vite e Sistina. É proprietária de meia Via Margutta e de últimos andares maravilhosos na Via del Babuino. Uma carteira que, graças a constantes doações por parte dos fiéis, aumenta de ano para ano: entre garagens, prédios e terrenos, o número de imóveis em toda a Itália aflora o milhar, mas 95 por cento das propriedades estão concentradas em Roma e na província.

Para as fazer render a Congregação aluga-as. Não a comuns mortais, mas a quem tem possibilidades para isso, melhor ainda se forem VIP ou políticos. Se o apresentador de *Porta a Porta*, Bruno Vespa, paga dez mil euros por mês por duzentos metros quadrados na Piazza di Spagna (a quem defende que se trata de uma quantia baixa por um dos últimos andares mais belos do mundo, o jornalista responde que investiu meio milhão do seu bolso para a sua remodelação), são ou foram inquilinos de Propaganda: Cesara Buonamici do TG5, o estilista Valentino (que alugou um prédio inteiro na Piazza Mignanelli para os seus escritórios), o vice-diretor da RAI e ex-subsecretário da Liga do primeiro governo de Berlusconi Antonio Marano, o jornalista Augusto Minzolini, alguns dirigentes dos serviços secretos, o ex-comissário AGCOM Giancarlo Innocenzi, o dirigente das empresas públicas Andrea Monorchio e o ex-presidente da ENAC, Vito Riggio.

Além disso, em alguns casos as rendas pagas pelos inquilinos não surgem em linha com os preços de mercado. Quem gozou de um tratamento favorável foi certamente Esterino Montino, ex-presidente interino da Região Lácio e personalidade importante do PD regional, que viveu como hóspede de Propaganda Fide numa das ruas de maior prestígio da cidade, a Via dell'Orso. Preço de aluguer do local:

360 euros por mês por duzentos metros quadrados, que Montino dividia com a sua companheira, a senadora Monica Cirinnà. “Remodelámo-la à nossa custa, gastámos 150 milhões das velhas libras”, a justificação do atual presidente da Câmara de Fiumicino, que em 2010 — após doze anos de descontos recorde — viu aumentar a renda para 3 mil euros, o efetivo valor de mercado daquela zona.

Por vezes, Propaganda Fide decide vender alguns imóveis para obter dinheiro líquido. Nem sempre ao preço justo: em 2004, o ex-ministro dos Transportes, Pietro Lunardi, conseguiu comprar, através de um empréstimo estimulado por uma sociedade imobiliária administrada pelo filho, um prédio inteiro com cinco andares na Via dei Prefetti, em pleno centro histórico, pagando apenas 3 milhões de euros. A magistratura de Perugia acusou-o, e também ao então prefeito da Congregação Crescenzi Sepe, de corrupção: em troca do preço diminuto, segundo a acusação, o ministro teria concedido, através da sociedade pública Arcus, um financiamento de 2,5 milhões de euros a Propaganda Fide para fazer um museu na sede seiscentista da Congregação (projetada por Bernini e acabada por Borromini), com fachada para a Piazza di Spagna. O inquérito foi concluído com ausência de factos e a posição dos dois foi arquivada porque, segundo os juízes do colégio para os crimes ministeriais do tribunal de Perugia, tinha prescrito. No mesmo ano em que o Vaticano vendia a Lunardi o edificio a preços de saldo, também Nicola Cosentino, ex-poderosíssimo secretário para a Economia do governo Berlusconi, preso por presumíveis relações com o clã dos Casalesi, fazia bons negócios com Propaganda, adquirindo uma casa de cento e cinquenta metros quadrados por 630 mil euros: nada mal, para um apartamento no terceiro andar de uma rua elegante do bairro Prati, onde os preços podem chegar quase ao dobro em relação aos que foram pagos pelo político. “É verdade, a minha mulher é titular do apartamento, que estamos agora a pagar através de um empréstimo”, explicou Cosentino numa entrevista. “Refuto qualquer insinuação, não é verdade que aquela casa tenha sido vendida a um preço favorável, por metade do valor. Foi-me indicada por um conhecido de Caserta”.